

ID: 123128052

20-05-2026

CONVIDADO



**PEDRO GINJEIRA
DO NASCIMENTO**

Secretário-geral da Associação
Business Roundtable Portugal

Portugal, o melhor país do mundo... para alguns

A saída de um programa de debate político num dos principais canais televisivos, diziam-me convictos: “Portugal ainda é um dos melhores países do mundo para viver.”

A frase ficou-me na cabeça, porque revela um enorme envolvimento social: a tendência de quem vive protegido pela sua bolha social para acreditar que a sua realidade é a realidade do país.

Sim, Portugal é extraordinário para quem tem património, bons rendimentos, seguro de saúde, filhos nas melhores escolas e liberdade financeira suficiente para nunca sentir verdadeiramente o peso do sistema. Mas será essa a vida da maioria dos portugueses?

Perguntemos aos 1,5 milhões de portugueses que emigraram nas últimas décadas se Portugal lhes permitia o futuro que procuravam. Perguntemos aos quase 25% dos trabalhadores por conta de outrem que vivem com o salário mínimo nacional.

Não estamos a falar apenas de pessoas que “não conseguem poupar”. São famílias que começam a fazer contas logo no início do mês, que vivem permanentemente sem margem, sem capacidade para absorver imprevistos e

sem espaço para um pequeno luxo. Sem descanso psicológico.

Pior do que a dificuldade financeira é a sensação de inevitabilidade. No início do século, menos de 5% dos trabalhadores recebiam o salário mínimo. Hoje são cerca de 25% da força de trabalho.

Portugal tornou-se um país onde demasiadas pessoas são sugadas pelo “buraco negro” do salário mínimo e do qual parece quase impossível escapar. Até as que ganham o salário médio dificilmente sentem que vivem no “melhor país do mundo”.

Segundo os dados mais recentes do INE, em média, um trabalhador europeu ganha cerca de mais mil euros por mês do que um trabalhador português, que se vê confrontado pelo disparo do custo da habitação e, não podendo depender de um SNS onde se esperam meses por consultas e exames fundamentais, não conseguem pagar um seguro privado.

Só uma visão profundamente protegida da realidade consegue olhar para isto e concluir que Portugal “é o melhor país do mundo para viver”.

A verdade é que quem vive na bolha, em Portugal, na Suíça, nos

EUA ou em Angola tende sempre a acreditar que “até está tudo suficientemente bem”. O privilégio tem essa característica: reduz a percepção da urgência.

É precisamente essa complacência que mais me preocupa porque Portugal pode, e deve ser, muito melhor do que é. Pode ser um dos países mais ricos, mais competitivos e mais prósperos da Europa: temos estabilidade política, segurança, talento, localização geográfica, capacidade científica, uma diáspora extraordinária e recursos naturais raros num

continente envelhecido.

O que nos falta não é potencial. É ambição individual e coletiva. É exigência. É recusarmos a mediocridade como destino inevitável. É vontade de execução. É sentirmos finalmente a urgência de mudar.

Quem insiste que vivemos “num dos melhores países do mundo” ajuda, mesmo sem intenção, a perpetuar o conformismo nacional. A ideia de que não precisamos de mudar estruturalmente; que basta gerir devagar; ajustar marginalmente; enfim, continuarmos iguais.

Os resultados estão à vista.

Devemos urgência de mudança: aos jovens que partem, aos que vivem com o salário mínimo e até aos que têm empregos qualificados, mas sentem que trabalhar em Portugal deixou de ser uma forma de construir o seu futuro.

Portugal não está condenado ao empobrecimento, mas não sairá dele através de autoilusões confortáveis.

Precisamos de menos complacência de quem vive na bolha e mais ambição nacional, enfoque em fazer e sentido de urgência.

Porque Portugal pode, e deve, ser muito melhor. ■

Quem insiste que vivemos “num dos melhores países do mundo” ajuda, mesmo sem intenção, a perpetuar o conformismo nacional.

Portugal não está condenado ao empobrecimento, mas não sairá dele através de autoilusões confortáveis.